

UM LAMENTO TRISTE SEMPRE ECOOU

Dois ou mais projetos que objetivem reunir estudos sobre as múltiplas realidades da exclusão descritos e pensados a partir de fenômenos/noções como estereótipos, preconceitos, identidades, podem ser muito diferentes e terem relevância em tudo comparável. Projetos de tal natureza nunca pretendem ter completa abrangência, pois ela exigiria converterem-se em enciclopédicos empreendimentos históricos, culturais e político-econômicos capazes de considerar todas as sociedades humanas atuais e passadas.

Tal realidade decorre do fato de a construção de conhecimento sobre tais fenômenos/noções ser processo no qual estão implicadas ocorrências no âmbito da História, da Educação, da Economia Política, da Psicologia, da Comunicação, das Artes, da Sexualidade, da Saúde, das constituições étnico-raciais, das leis, das práticas religiosas, das adaptações e distribuições populacionais, das migrações, das formações de gênero, dos nacionalismos, da aprendizagem e do uso da língua, da memória social, da transmissão geracional, da organização do trabalho e das profissões, dos programas de políticas públicas, das interdições e permissões sob o controle hegemônico em determinado momento.

Esse extenso rol de áreas e subáreas de conhecimento é aqui mencionado para registrar que todos os itens arrolados, em algum grau, estão presentes no

conjunto dos capítulos disponibilizados no livro *Processos psicossociais de exclusão social*, ainda que alguns deles não constituam o conteúdo principal de um ou outro desses capítulos. Tal realização é notável, em especial quando se considera que todos os estudos constantes do livro nascem em grupos de pesquisadores originários de apenas duas grandes áreas de formação.

Os múltiplos ângulos de abordagem dos processos psicossociais focalizados são contribuições marcantes para a riqueza do livro. Trata-se de obra que deveria conter uma singela admoestação em local bem visível da capa: Os autores advertem que este produto contém diversidade. Trata-se de informação acautelatória considerando que diversidade é algo ofensivo ou impalatável para integrantes de muitos grupos humanos ou quase humanos. Daí que falar sobre processos psicossociais de exclusão social é também falar de diversidade, e falar de discriminação é falar de ódio à diversidade.

Sobre os temas estudados chama atenção, em vários capítulos, a atualidade da discussão à qual remetem, estando em jogo ocorrências surgidas já na vigência do atual contexto brasileiro, cujo apropriado bordão deveria ser: O preconceito acima de todos. Também em vários capítulos estão presentes introduções com dados históricos organizados de forma cuidadosa e que, efetivamente, fornecem valiosas informações sobre contextos de épocas anteriores que moldaram relações que ainda hoje persistem. É compreensível e quase inevitável haver perplexidade e desânimo diante dos fatos registrados em alguns capítulos, mas isso não impediu o esforço de apresentar indicações fundamentadas do que é possível fazer em busca de mudanças. É auspicioso verificar que entre as referências citadas em vários capítulos estão presentes com expressiva frequência estudos realizados no contexto brasileiro, o que talvez não fosse possível há algumas décadas. O incremento de estudos brasileiros é importante porque, a despeito de evidentes similaridades com outros contextos, não se pode abrir mão da elucidação a respeito de quais condições históricas específicas contribuíram para a produção dos fenômenos sobre os quais incide o foco da obra organizada por Marcus Eugênio Oliveira Lima, Dalila Xavier de França e Raquel Meister Ko. Freitag.

A diversidade dos capítulos não é apenas temática, é também metodológica. Alguns capítulos são revisões de estudos que os autores souberam aproveitar para chegar a conclusões não apenas descritivas ou classificatórias, mas interpretativas em relação ao fenômeno abordado. É razoável dizer que isso os transforma em relevante material ensaístico.

Outros capítulos foram construídos a partir de dados colhidos em fontes documentais de diversas modalidades (entre elas portais de notícias, documentos

institucionais, livros didáticos, blogs), tratados de forma cuidadosa com o objetivo de extrair informações diluídas em grande volume de material textual. Essa modalidade de dados é sempre muito reveladora por comportar elementos de interesse histórico.

Há também capítulos em que os dados analisados resultaram da participação de colaboradores em situações nas quais um possível fator influenciador do fenômeno de interesse foi manipulado, às vezes de forma engenhosa, propiciando aferir-se o efeito diferencial sobre os desempenhos, constituindo estudos experimentais ou quase experimentais. Algumas dessas investigações experimentais, tanto as realizadas pelos pesquisadores que participam do livro como algumas das que são citadas em seus textos, envolvem procedimentos eventualmente criticados por se valerem da criação de situações que não reproduzem com exatidão situações reais, ou seja, por se caracterizarem por certo grau de artificialismo. O que os críticos não percebem é que tais investigações fornecem uma série de elementos que contribuem para o aprimoramento das proposições teóricas, ampliando o conhecimento sobre o fenômeno, além de identificarem aspectos a serem verificados e testados em situações interativas do dia a dia.

Também estão presentes capítulos nos quais foram analisados dados obtidos diretamente de participantes em situações de entrevista ou em respostas a questionários. Tais participantes são homens e mulheres de grupos etários distintos (crianças, adultos, idosos), em alguns casos parte de certos grupos de atividade comum (estudantes universitários, professores, estudantes de um idioma).

A fundamentação teórica na qual as discussões dos dados estão apoiadas não é única, ainda que alguns conceitos e aspectos das teorias às quais se vinculam sejam utilizados em vários capítulos. É importante assinalar que o livro apresenta ainda alguns capítulos dedicados especificamente a discutir questões teóricas, com perspectiva integradora, ou a empreender análises teóricas sobre a aplicabilidade de determinados construtos.

A dificuldade de encontrar exemplos, em qualquer sociedade, de mudanças efetivas na realidade de discriminações e exclusões, mudanças cotidianamente comprováveis e culturalmente sedimentadas, talvez seja devido ao que a pesquisa sobre tais temas evidencia – o fato de estar em jogo o poder, as relações de poder sobre as quais as sociedades em que vivemos estão estruturadas. Transformações reais e duradouras implicam transformação da estrutura socioeconômica restritiva sob a qual vivem tanto aqueles que ocupam posição a partir da qual podem (e precisam) agir de forma preconceituosa e excludente como aqueles que

estão em situação de exposição diuturna na condição de alvos do preconceito e da exclusão social.

Considero ter lido um livro cujo interesse alcança pesquisadores, professores e estudantes. O enorme painel de exemplos disponível em vários capítulos tem grande potencial didático e fomentador de debates.

Tentando evitar incorrer em certo estereótipo de prefácio, encerro o presente texto aproveitando trecho de um dos capítulos do livro (não revelarei qual, deixando sua localização como tarefa lúdica para os leitores), no qual está dito que já na infância, no processo de socialização, as crianças aprendem o significado e o valor de pertencer a determinados grupos. A partir de tal observação concluo com um exemplo especial, desses com que a literatura nos presenteia.

São excertos (colhidos entre as páginas 38 e 41) do romance Jean-Christophe, de Romain Rolland, originalmente publicado no início do século XX, tendo sido mantidas grafia e pontuação originais (Jean-Christophe - Volume 1 - 1986, Rio de Janeiro, Ed. Globo). São descritas cenas em que, no dizer do autor, um menino *percebeu pela primeira vez que há no mundo pessoas que mandam e outras que são mandadas, e que ele e os seus não eram das primeiras*. A mãe do menino Jean-Christophe, Luísa Krafft, para ganhar algum dinheiro extra, empregava-se como cozinheira em casa de famílias ricas em ocasiões especiais. Em uma dessas ocasiões a mãe pediu que ele fosse ao seu local de trabalho:

Nesse dia a mãe vestira-lhe a melhor roupa, velhos trajes dados, dos quais a sua paciente habilidade soubera tirar partido. Ele foi procurá-la, conforme sua recomendação, na casa onde estava a trabalhar.

Ao chegar a casa, intimidado, encontrou um criado que estava na entrada e que lhe perguntou o que queria. Ele respondeu: venho procurar a Sra Krafft. E o criado:

- A sra. Krafft? E o que queres com a senhora Krafft? – continuou o criado, acentuando com ironia a palavra senhora. – É tua mãe? Sobe por ali. Vais achar Luísa na cozinha, no fundo do corredor.

Ele seguiu, cada vez mais vermelho; sentia vergonha de ouvir chamarem familiarmente sua mãe de Luísa.

Na cozinha, muito envergonhado, viu-se no meio de outros criados que o acolheram com exclamações ruidosas.

No fundo, perto dos fogões, a mãe sorria-lhe com ternura e um pouco vexada. [...] Sua mãe tinha um ar atarefado e importante que ele não conhecia; ia de uma caçarola a outra, provando, dando opiniões, explicando com precisão receitas que a cozinheira da casa ouvia com respeito. O coração do menino impava de orgulho, vendo o quanto a mãe era apreciada, e o papel que desempenhava nessa soberba peça, toda ornamentada de objetos magníficos de ouro e de cobre brilhante.

Bruscamente, as vozes emudeceram. A porta abriu-se. Entrou uma dama com um roçar de fazenda esticada. Lançou em torno um olhar desconfiado. Não era moça; no entanto, trajava um vestido claro, com mangas largas, segurando a cauda para não arrastá-la. Isso não a impediu de aproximar-se do fogão, de olhar os pratos e mesmo de prová-los. [...] Com que tom seco e peremptório ela se dirigia a Luísa! E como Luísa respondia-lhe com humildade! Christophe ficou impressionado. Dissimulou-se num canto para não ser visto, mas isso de nada lhe serviu. A senhora perguntou quem era aquele menino; Luísa foi buscá-lo e apresentou-o. Segurava-lhe as mãos para impedi-lo de tapar o rosto, e conquanto ele tivesse vontade de espernear e fugir, sentiu instintivamente que dessa vez não devia opor resistência.

A senhora fez algumas perguntas a ele e disse que queria levá-lo para junto dos seus filhos.

Christophe lançou um olhar desesperado à mãe, mas esta sorria à patroa com um ar tão bajulador, que ele compreendeu que dela não lhe viria auxílio, e deixou-se levar.

Foi deixado pela senhora com um menino e uma menina, mais ou menos de sua idade. Ambos o examinaram dos pés à cabeça e riram dele.

Quando Christophe começava a tranquilizar-se, o burguesinho postou-se com pretensão diante dele e tocando-lhe o casaco disse:

- Olha, isso é meu.

Christophe não compreendeu. Indignado por aquela pretensão de que o casaco não fosse dele, sacudiu a cabeça numa negativa enérgica.

- Ora se eu o reconheço! – disse o pequeno. – É a minha velha blusa azul: tem uma mancha aqui.

E pôs o dedo em cima. Depois, continuando a inspeção de Christophe, examinou-lhe os pés e perguntou-lhe de que eram feitos os remendos da ponta dos sapatos. Christophe ficou vermelho como lacre. A menina mostrou-se agastada e segredou ao irmão – Christophe ouviu-a – que ele era um menino pobre. Com isso Christophe recuperou a fala. Julgou combater vitoriosamente aquela opinião injuriosa, engrolando em voz estrangulada que era filho de Melchior Krafft e que sua mãe era Luísa, a cozinheira. Parecia-lhe que esse título era tão belo como outro qualquer, no que tinha razão. Mas os dois pequenos, que se interessaram pela notícia, nem por isso lhe dispensaram maior atenção.

A partir daí os dois pequenos ricos, tomados por uma dessas bruscas antipatias de criança procuraram atormentar Jean-Christophe com brincadeiras

que foram se tornando violentas até que ele reagiu, já com suas roupas rasgadas, derrubando o menino com um soco e desferindo uma bofetada na menina. Por tais feitos, apanhou da senhora da casa, com a ajuda da mãe, e mais tarde voltou a apanhar do pai e da mãe em casa.

Paulo Rogério Meira Menandro

Nota: o título do presente texto é empréstimo de um verso da canção *Canto das Três Raças*, de 1989, composta por Mauro Duarte e Paulo César Pinheiro.